

**Grupo de Trabalho(GT) - 14 - A EXPERIÊNCIA DE LER, ENSINAR E APRENDER EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES.**

**PROJETO: LEITURAS QUE INSPIRAM A ESCREVER**

Adeilson Paulino de Barros

Graduando do curso de Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba

[adeilson25@bol.com.br](mailto:adeilson25@bol.com.br)

Paula Célia da Silva

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba

[paulinhacelia@gmail.com](mailto:paulinhacelia@gmail.com)

Edilazir Lopes da Cunha

Profª Ms. da Universidade Estadual da Paraíba

[edilazir2012@gmail.com](mailto:edilazir2012@gmail.com)

## **RESUMO**

O presente artigo é um relato de experiência vivido no âmbito educacional, especificamente na gestão escolar, como cumprimento da proposta curricular do Estágio Supervisionado II do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba. Esta ação na escola campo teve como aporte teórico as orientações do componente curricular Gestão e Política Educacional II. O estágio supervisionado II consiste na atuação prática dos estagiários, que possibilita a interação dos estagiários no Projeto de intervenção na atuação das práticas pedagógicas, bem como, a contribuição dos mesmos, para a melhoria da qualidade da educação desta instituição. A escolha do projeto foi em torno de uma discussão na reunião onde foi apresentado a carência de leitura e escrita. Os professores alegaram que muitos apresentam dificuldades, principalmente no que se refere à interpretação e produção textual. O projeto: **Leituras que inspiram a escrever** é resultado de uma necessidade conjunta dos professores em relação à dificuldade dos alunos desta instituição em relação à leitura e escrita.

**Palavras-chave:** Intervenção. Leituras. Gêneros textuais. Incentivo.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo é um relato de experiência vivido no âmbito educacional, especificamente na gestão escolar, como cumprimento da proposta curricular do Estágio Supervisionado II do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba. O *lócus*

da realização deste estágio foi a Escola Municipal Anis Timani, localizada no bairro da Catingueira, no município de Campina Grande, PB.

O estágio supervisionado II consiste na atuação prática dos estagiários **sob a** projeto de intervenção, que possibilitou a interação dos estagiários com as práticas pedagógicas e sua intervenção como gestor, bem como, a contribuição dos mesmos, para a melhoria da qualidade da educação na referida escola. Inicialmente tinha como atividade observar e a rotina da gestão no sentido administrativo, pedagógico, social e diante da comunidade local, essa intervenção seria no momento que fosse identificado um problema na instituição que envolva a todos, e por seguinte elaborar e aplicar o projeto de intervenção.

Demos o passo inicial quando participamos da primeira reunião com o quadro de funcionários da instituição; aos veteranos e os novatos. Nesta, com o objetivo de apresentação do projeto da escola: Espalhando Gentilezas. Um dos pontos mais discutido na reunião foi dificuldade na leitura e da escrita dos alunos, em sua interpretação e produção textual. O projeto: **Leituras que inspiram a escrever** foi proposto com objetivo de fomentar e despertar o gosto pela leitura dos alunos dos 5º ano do turno da manhã e da tarde, e conseqüentemente o desenvolvimento da escrita numa preparação de apoio para contribuir na Prova Brasil, que foi aplicado neste mesmo ano que decorreu o estágio.

Entendemos que a leitura é sem dúvidas o maior patrimônio de um cidadão, e com este saber da leitura que vai além da decodificação favorece que o sujeito se desenvolva na condição de ser atuante e não mero alienado da sociedade. É através desta leitura sócio- interacionista que se aprende a refletir seu mundo, questionar as políticas, a sociedade e sua conduta pessoal.

Esse estágio tanto possibilitou a formação do discente no conhecimento do campo na área da gestão escolar a qual vai atuar e como na contribuição a qual ocorreu desenvolvimento da leitura e da escrita do alunado desta instituição. Ressaltamos ainda que ultrapassamos o muros desta instituição com as parceiras de outras escolas da comunidade tanto da rede pública como da rede particular.

Nesta realidade social, econômica e cultural dos alunos em relação às dificuldades na leitura e escrita, verificamos que é necessário ir ao encontro com o

mundo dos alunos, conhecê-los e fazer conhecer os demais, com uma visão epistemológica da sua realidade e um posicionamento atuante, no sentido de intervir e transformar sua realidade, com forma de estimular o aluno e a aluna ter uma leitura da sua vida na sociedade de forma participativa, crítica, social, política e não apenas atuando como alunos que só lhes é garantido a transmissão de conhecimentos e de informações já prontas e acabadas, sem considerar os conhecimentos prévios, e evolução das tecnologias que modificam nossa forma de ler e escrever nossa vida, numa sociedade cada vez, mas globalizada.

O nosso trabalho está dividido em três partes: a fundamentação teórica com como freire. Segunda parte é aplicação do projeto com a metodologia desenvolvida no projeto e a terceira parte os resultados do nosso projeto.

Gibis, contos, fábulas, jornais, revistas, placas, livros de receitas, rótulos de embalagens, anúncios publicitários, literatura de cordel, libras, braile e os mais recentes as TICs, ou seja, novas tecnologias de informações e comunicação que são os diversos recursos disponíveis a todos nós leitores e não leitores sejam na linguagem verbal ou não - verbal. Todos esses gêneros possibilitam aos profissionais da educação desenvolver um trabalho de qualidade e fomento na construção de novos leitores, já que é dentro da instituição escolar que se desenvolve esse processo de ensino e aprendizagem com habilidades, competências para leitura e conseqüentemente competência na escrita.

Por esse motivo que reafirmamos a importância da leitura na vida escolar e na vida social dos alunos como diz Freire (1995, p. 20)

(...) a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo de nossa prática consciente.

À medida que a humanidade evolui, os desafios e as exigências tornam-se cada vez mais complexas e aumentam gradativamente, e como não poderia deixar de ser, essa evolução ocorre em consonância com o desenvolvimento da educação, portanto devemos buscar cada vez, ferramentas capazes de nos colocar enquanto profissionais da educação diante das novas formas de atualização e metodologias que possibilitem o desenvolvimento cognitivo/social/motor/cultural/político dos alunos, são por esses

motivos que propomos as mais variadas formas de explorações textuais e sugestões para um melhor aproveitamento relação ao ensino e aprendizagem como instrumento de apoio a novas tecnologias e também antigas para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, embora ainda aconteçam e haja resistência dos modelos tradicionais, porque talvez não tenha recursos ou mesmo não existiu continuação na formação profissional, como esclarece Kenski (2008,p.29)

Na escola, professores e alunos usam preferencialmente a fala como recurso para interagir, ensinar e verificar a aprendizagem. Em muitos casos, o aluno é o que menos fala. A voz do professor, a televisão e o vídeo e outros tipos de “equipamentos narrativos” assumem o papel de “contadores de historias” e os alunos “ouvintes”. Por meio de longas narrativas orais, a informação é transmitida, na esperança de que seja armazenada na memória e aprendida.

Assim nosso projeto voltado para perspectiva de desenvolver as habilidades leitoras dos alunos ajudando na preparação para Prova Brasil que é uma forma de avaliação do Governo Federal Brasileiro (Sistema Educacional) que atinge os 5º anos. Como esta explico no material divulgado e distribuído pelo Ministério da Educação, vejamos em BRASIL, (2008, p.15):

A avaliação denominada Avaliação Nacional do Rendimento Escolar – Anresc (Prova Brasil), realizada a cada dois anos, avalia as habilidades em língua portuguesa (foco na leitura) em matemática (foco na resolução de problemas). É aplicada somente a alunos de 4 série/5º ano e 8º serie/9º ano da rede pública de ensino em área urbana e tem como prioridade evidenciar os resultados de cada unidade escolar da rede pública de ensino.

Sendo uma das formas de avaliação da Prova Brasil: a leitura é o foco para o desenvolvimento do aluno no ensino escolar, seus descritores, ou seja, as habilidades a qual os alunos dos anos referidos, neste caso do 5º ano devem desempenhar na prova de acordo com os tópicos dos descritores que orientam o professor e nos orientou neste projeto.

A importância que se dá para a leitura é no momento em que a escola quer tanto melhorar sua qualidade de ensino como aprendizagem dos seus alunos que lhes possibilite a leitura de mundo, utilizando os mais variados recursos e aplicando metodologias inovadoras e criativas com a participação de todos. Contudo Kenski diz:

Para que ocorra essa integração, é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo sejam ensinados e aprendidos; ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso delas para ensinar as bases dessa educação. (2008 ,p.43)

A escola é o local apropriado para aprender a ler e a escrever, mas não deixar de lado a participação da família, da comunidade em incentivar leituras, hábitos aprendidos para exemplificar: no supermercado vendo aos pais lendo as embalagens, os noticiários de jornais tanto escrito como televisado, revista encontradas em consultórios, livros de culinária, as placas nas ruas enfim um mundo eminentemente visual que exige técnicas de leituras que estão à disposição dos alunos dentro e fora da instituição escolar. Mas que em muitos casos o que acontece é: na maioria das vezes, que os profissionais do ensino estão mais preocupados em usar as tecnologias que tem a sua disposição para “passar o conteúdo”, sem se preocupar com o aluno, aquele que precisa aprender.

Como a escola vai ficar longe das novas tecnologias se o próprio aluno tem acesso às lan houses de sua comunidade? Esse é um dos nossos questionamentos em relação ao diagnóstico do ambiente escolar dessa instituição. Então, quais serão as leituras que inspiram esses alunos a se interessar a escrever com prazer e clareza dos fatos? É na busca do seu cotidiano, na cultura, nas suas criatividade, no seu movimento, no seu ritmo, na sua comunidade que juntos descobriremos uma forma ler e escrever uma nova história da nossa realidade educacional local, sendo cumprido a papel da educação que é ensinar.

É ai que entrar o papel do gestor escolar na sua intervenção para o desenvolvimento da instituição que atua, e numa participação democrática, a sua forma de organização como gerenciar o trabalho pedagógico para atingi tantos os resultados do IDEB, como do SGI (SISTEMA GESTÃO INTERGRADA) a qual faz parte de um programa em parceiras com empresas. Como estagiários vamos intervir nas salas de aulas, buscando apoio com coordenadores de apoio. Nossa intervenção é como gestor e não como professores, mas estávamos em sala de aula, com os professores da instituição dando suas sugestões para iniciamos nossa atividade com seus alunos. Nas conversas que tivemos com a gestora, ficamos ainda com indagações sobre como atingiria resultados positivos na intervenção. Se para dirigir uma escola é preciso conhecer o trabalho do gestor, dos demais profissionais e as forma parceiras e o contexto da

comunidade onde localiza a instituição, sendo quem tem acesso a escola pública é aqueles indivíduos que são considerados uma classe oprimida e excluída. Aranha (2005, p.76) discute que:

Como dirigir uma escola, cercada pelo desemprego da sua comunidade, da criminalidade de muitos de seus alunos? É possível dirigir desconhecendo a impregnação geral que as novas tecnologias digitais e comunicacionais estabeleceram no mundo do trabalho e no cotidiano das pessoas? E como os professores, como reagem e interagem com toda essa realidade? Que significado tem para eles cursos de formação continuada? Como modificam sua prática?

Neste caso como estagiários desenvolvemos a problematização diante das dificuldades na leitura e na escrita dos alunos e das alunas. Relatada pelos professores na reunião e segundo a gestora em entrevista e em conversas, nos solicitou que essa intervenção fossem nos 5<sup>a</sup> anos, já que era o ano de aplicação da prova Brasil e seria aplicado nestas turmas. Percebemos o interesse da gestora em desenvolver e abrir novos espaços para a leitura além da sala de aula. Daí surge os espaços de leituras, de climas, de reflexão, de experimentação dentro e fora da instituição. Confirmando que as atividades do gestor não é fácil, porque exige liderança, cooperação, formas de parceiras, lutar contra resistências e elevar os índices educacional com as exigências que esses gestores enfrentam. Sobre isso afirma Schneckenberg (2000)

[...] gestores educacionais enfrentam com competência técnica e política os desafios sociais emergentes, sejam eles de ordem pedagógica (parâmetros curriculares nacionais), econômicas, (globalização da economia, competitividade e exigências de mercado), política (programas de descentralização da gestão educacional, inclusive financeira), metodologia operacional (novas tecnologias) e outros.

No entanto é tarefa essencial também do gestor em saber como vão os níveis de desenvolvimento na leitura e da escrita de seu alunado, criar espaços que desenvolva essas habilidades incluindo também as leituras para pessoas com necessidades especiais como cegos e surdos como é previsto em lei na regulamentação das pessoas com deficiências, no campo de estágio encontramos a presença uma menina surda numa turma da manhã.

Na escola não há uma biblioteca, mas como já referimos ao GSI, com o projeto a escola ganhou uma biblioteca móvel, sabendo que ela não tem como chegar às salas, a gestora mandou fazer duas carrocinhas para que enchendo de livros os professores levassem para sala de aula, criando na escola mais uma forma prazerosa e motivadora nos alunos em ler. São estratégias que os gestores juntamente com toda coordenação pedagógica chegam no objetivo de desenvolver capacidade e competências na leitura e escrita dos alunos dos 5º ano.

Roje (2009, p.75) define competência e habilidade de leitura quando:

[...] ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, motoras, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, lingüísticas, todas dependentes da situação e das finalidades de leitura, algumas delas denominadas, em algumas teorias de leitura, estratégias (cognitivas, metacognitivas).

A escrita também possui sua competência e sua habilidade de acordo com o desenvolvimento da leitura, Roje (2009) esclarece que: “a escrita ou produção de textos também envolve uma multiplicidade de capacidades ou competências e habilidades desenvolvidas ao longo da educação básica, se não ao longo da vida,...” (p.83).

## **METODOLOGIA**

Nosso campo de experimentação foi nas salas de aula dos 5º anos tanto do turno da manhã como da tarde, apresentamos o projeto de intervenção: **Leituras que inspiram a escrever** aos professores e alunos em cada sala de aula a qual foi desenvolvido o projeto. Explicamos minuciosamente cada etapa do projeto (essas etapas corresponde a cada encontro, ou seja, o dia que foi aplicado o projeto) e pedimos as sugestões às professoras em relação ao que deveria ser contemplado no projeto, nos nossos próximos encontros, elas demonstraram interesse, disponibilidade, e sugeriram as suas idéias na qual acatamos.

O nosso plano de ação das atividades sendo flexivo e conforme a necessidade de cada um, primeiro aplicou uma avaliação inicial de sondagem para conhecer como estava o nível da escrita, a compreensão de como interpretam questões de leitura nas

imagens, na leitura do seu cotidiano, na possibilidade de conhecer os seus conhecimentos prévios, sua história, suas relações com a família e com a sociedade.

## **RESULTADOS**

Já na primeira etapa vimos que a maioria dos alunos fala muito bem oralmente, discute e responde as indagações feitas por nós estagiários, no entanto se inibem na hora que vão ler em voz alta para turma, achamos que tinha vergonha, timidez, percebemos que eles são desinibidos nas rodas de conversa, nas dinâmicas, nas brincadeiras e percebemos ainda mais na terceira etapa que teve a oficina de dança, eles se lançaram de corpo, queriam aprender o que seu corpo poderia fazer numa linguagem a qual, primeiro preparamos eles e elas com conhecimento científico a sua linguagem, organizando com seus conhecimentos prévios, o resultado foi que eles poderiam ler seu corpo, conhecendo cada parte, sua função e assim cada um deles com seu ritmo. Percebemos que eles não tinham compreensão ao ler e colocar no papel suas próprias idéias, apenas decodificava os fonemas e a grafia, e tinha apenas uma garota que não sabia mesmo ler, por esse motivo não queriam ler em voz alta com medo dos coleguinhas rirem por não saber ler, essa é uma problemática que se encontra em muitas escolas e principalmente públicas.

Foi perceptivo que ainda alguns deles não tem acesso a computadores, a livros em sua casa como foi identificado na primeira produção textual no diários avaliação inicial como identificar a estrutura da escrita e a vida dos alunos.

Na segunda etapa os alunos já tinha noção como estruturar a sua produção textual, porque em cada produção solicitada orientávamos cada tipo de texto. Colocamos em dupla os alunos que tinha mais habilidades de leitura com aqueles que tinha dificuldades, o resultado esperado foi atingido que um ajudava o outro, verificou-se na produção e apresentação do cineminha que enquanto um lia com desventura, o outro tinha habilidade no desenho de representar em imagens, lês mesmo decidiram um apresentar o que um leu, e outro diz o que seu desenho representa, ou seja, uma troca que ocorreu de diálogos ente si.

No decorrer das etapas eles foram introduzidos e aprenderam as vários tipos de gêneros de leitura e de produção de texto, com a etapa final ampliou o forma ler dentro



da sua escola, em sua casa e em sua volta, foi caminhado pelas ruas, lendo os cartazes que as escolas preparam, ouvindo, atuaram com prazer, e sem vergonha, ou mais ainda tem casos são feitos por pressão, sob autoritarismo dos professores, eles nesta caminhada mostraram seu desenvolvimento no ato de compreender o que estava lendo, oralizando suas idéias com segurança, e outro fato importante ouvindo, vendo imagens, dramatização, músicas e encontrando em si o gosto de ler com tantos recursos disponíveis que foi apresentados que inspiraram a eles a escrever um novo capítulo de hábitos de ler e escrever e consciente de quando chegasse a prova Brasil estariam preparados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram dois meses de atuação do Projeto de Intervenção, concluímos que contribuimos para o desenvolvimento dos níveis de leitura de cada aluno dos 5º anos tanto do turno da manhã como da tarde, permitindo a nós estagiários caracterizar o ambiente escolar, e um deles seria a leitura e a escrita, como problemática emergencial, sendo colocado em prática os conhecimentos das áreas do conhecimento da educação e os relacionados à contribuição da gestão/docência/prática pedagógica/ planejamento no desenvolvimento do projeto.

Contudo, a leitura e a escrita é hoje um dos maiores desafios da escola. Quando estimulada de forma criativa, dinâmica, interdisciplinar e democrática possibilita aos alunos um prazer de ler e ter a habilidade de escrever de uma forma leve e espontânea, diferente daquela que é obrigatória; vimos o interesse, a disponibilidade e alegria no rosto de cada aluno e aluna.

Neste caso, o Projeto de Intervenção: **Leituras que inspiram a escrever** contribuiu no processo de ensino e aprendizagem dos alunos dos 5º ano, pois entendemos que ao desenvolver o gosto pela leitura, é um processo lento e deve ser trabalhado interativamente com as demais disciplinas curriculares como também a colaboração familiar e com a gestão da escola, centrado em um apoio cultural/político/econômico de todos tanto da área educacional como da própria comunidade que deu adesão a nossa caminhada nas ruas de incentivo a leitura tanto do nosso projeto como queríamos conhecer das demais escolas, um êxito da nossa

culminância que confirma que nosso projeto teve resultado não estatísticos, mas sim alunos com habilidades, competências e gosto tanto pela leitura como pela escrita, tendo dentro de sua escola e ao redor de sua comunidade leituras que inspira a cada um aluno e aluna a escrever de forma correta, prazerosa mas uma etapa de conquista da autonomia de ler seu mundo, sua vida seja na esfera pessoal, social, política.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referências, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB, Inep, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1995.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos de leitura.** 10ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PIMENTA, S. G. & LIMA, M. S. L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação.** Campinas, SP: Papyrus, 4ª edição, 2008

ROJE, Roxane. **Letramento múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ARANHA, A.V.S. **Gestão educacional-novos olhares, novas abordagens.** Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2005.

SCHNECKENBERG, Marisa. **A relação entre política pública de reforma educacional e a gestão do cotidiano escolar.** Brasília, D.F: ABERGO, 2000.